

Transformações no modelo de corridas de rua no Brasil: um estudo na Prova Rústica Tiradentes

Changes in street racing model in Brazil: a study in "Tiradentes Rustic Proof"

ROJO JR, STAREPRAVO FA, CANAN F, MEZZADRI FM, SILVA MM. Transformações no modelo de corridas de rua no Brasil: um estudo na Prova Rústica Tiradentes. **R. bras. Ci. e Mov** 2017;25(1):19-28.

RESUMO: O presente estudo teve por objetivo analisar as principais transformações ocorridas nos mais de 40 anos da Prova Rústica Tiradentes, corrida de rua realizada na cidade de Maringá. Foram realizadas 8 (oito) entrevistas semiestruturadas com corredores que participaram de diversos momentos da história desta prova. Constataram-se transformações em relação à participação do público, estrutura do evento, perfil dos participantes, desempenho dos atletas, além do início de cobrança de taxas de inscrições. A título de conclusão o artigo aponta que estas transformações são advindas da mudança no perfil dos participantes da prova maringaense.

Palavras-chaves: Pedestrianismo; Corrida de rua; Eventos esportivos.

ABSTRACT: This study aimed to analyze the main changes that occurred in more than 40 years of "Tiradentes Rustic Proof" street race held in the city of Maringá. They were held eight (8) semi-structured interviews with runners who participated in various moments in the history of this event. Changes were noted in relation to public participation, structure, the profile of the participants, the performance of athletes and the beginning of recovery rates of enrollment of participants. In conclusion the article points out that these changes are coming from the change in the profile of the maringaense race participants.

Key Words: Hiking; Street race; Sporting events.

Jeferson Roberto Rojo¹
Fernando A. Starepravo²
Felipe Canan³
Fernando M. Mezzadri¹
Marcelo Moraes e Silva¹

¹Universidade Federal do Paraná

²Universidade Estadual de Maringá

³Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Introdução

A corrida de rua nos últimos anos cresceu de forma vertiginosa em todo o mundo e vem ganhando mais adeptos a cada dia^{1,2,3,4,5}. Em virtude desse crescimento, ocorreu um significativo aumento no número de praticantes como também uma exponencial ampliação no número de provas. O estudo realizado por Salgado e Chacon-Mikhail⁶, mostra que esse aumento começou a ocorrer em meados de 1970, nos Estados Unidos. Os autores salientam também que esse crescimento se deve ao advento do “*Jogging Boom*”, que foi baseado principalmente nas teorias do médico americano Kenneth Cooper^{7,8}, em que se associava a prática da corrida a uma busca pela aptidão física⁴.

Outro ponto que também colaborou consideravelmente para o aumento no número de praticantes foi a permissão para a participação popular junto aos atletas de elite. Afinal, a partir da década de 1980 várias corridas, sobretudo as principais provas mundiais, passaram a ver corredores comuns ao lado de atletas de rendimento^{4,9}. Segundo Augusti e Aguiar¹⁰, esse aumento começou a ser notado no Brasil um pouco mais tarde, por volta de 1990. Foi nesse período que começaram a ocorrer transformações significativas no universo das corridas de rua no Brasil.

Um diferencial para o crescimento exponencial que a corrida de rua sofreu no Brasil se deu pela facilidade do acesso à sua prática, uma vez que ela necessita de uma estrutura física quase sempre já existente em qualquer cidade. Além disso, a modalidade não requer a utilização de muitos materiais, se comparada a outras atividades esportivas. Outro ponto que foi fundamental no aumento de praticantes é a presença de outros elementos motivadores como a sociabilidade, o controle de *stress*, saúde, competitividade, estética e prazer¹¹.

Mesmo com todo o crescimento observado nas corridas de rua, esse fenômeno ainda não se tornou um objeto de pesquisa consolidado dentro do meio científico/acadêmico brasileiro. De acordo com o cenário apresentado por Bastos, Pedro e Palhares¹², ao estudar dissertações e teses produzidas no estado de São Paulo, são poucas as pesquisas realizadas sobre a temática. A situação é ainda mais crítica nos estudos amparados nas ciências humanas (antropologia, história, sociologia, etc), pois geralmente esses trabalhos têm um aporte epistemológico das ciências naturais (medicina, fisiologia e biomecânica).

Nesse sentido, o presente artigo visa contribuir para o suprimento desta lacuna apontada por Bastos, Pedro e Palhares¹². Busca responder à seguinte problemática: Quais foram as transformações ocorridas no modelo organizacional da Prova Rústica Tiradentes na visão de participantes com no mínimo de 15 anos de experiência no evento?

Desse modo, o objetivo geral do trabalho é compreender a percepção dos corredores sobre as transformações ocorridas na tradicional prova realizada na cidade de Maringá[†]. Já os objetivos específicos do artigo são os seguintes: a) entender como estes corredores visualizam as mudanças na forma de organização da prova; b) analisar a visão destes participantes em relação às ações do poder público diante do novo quadro social apresentado pelas corridas de rua.

A problematização dessas questões pode contribuir para o aprimoramento de estudos futuros no Brasil que versem sobre uma das modalidades, que, conforme apontam Gottas⁴ e Shipway e Holloway⁵, mais cresce em número de participantes no cenário mundial.

Materiais e método

O estudo caracteriza-se, conforme aponta Gil¹³, como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, pois busca descrever as percepções sobre transformações ocorridas em uma corrida de rua a partir de entrevistas com os próprios praticantes da modalidade. Para alcançar o intento da pesquisa, optou-se por utilizar entrevistas semiestruturadas. Apesar de existir um roteiro de entrevista, essa modalidade de pesquisa torna flexível a fala do entrevistado¹⁴.

O roteiro da entrevista, além das informações gerais sobre o corredor, foi composto por sete (7) questões. Porém, como é próprio das entrevistas semiestruturadas, esse roteiro apresentou possibilidades de variação, visto que dependia da argumentação narrativa levantada pelos depoentes¹⁴.

Foram realizadas entrevistas com oito (8) corredores de rua, que participam do evento há no mínimo 15 anos. Tal tempo de relação com a prova indica que os entrevistados vivenciaram transformações ocorridas nesta competição. A seleção dos depoentes com este tempo envolvido com a corrida se baseou nas contribuições de Augusti e Aguiar¹⁰, visto que para os autores esta seria a temporalidade na qual uma profunda mudança começou a ocorrer nas corridas de rua brasileiras.

A seleção destes depoentes foi feita através de indicações de vários indivíduos inseridos no universo das corridas de rua de Maringá. Inclusive alguns deles foram recomendados por outros depoentes no momento de suas entrevistas. Além disso, este número foi aleatório, pois dependeu do tempo de inserção na Prova Rústica Tiradentes e da sua disponibilidade em participar da pesquisa.

Uma descrição de cada um dos entrevistados pode ser visualizada na Tabela 1:

Tabela 1. Apresentação do perfil dos participantes da pesquisa (Sistematizado pelos autores).

Entrevistado	Idade	Sexo	Tempo de prática	Número de participações	Primeira participação
Entrevistado 1	62 anos	Masc.	38 anos	35	1976
Entrevistado 2	54 anos	Masc.	35 anos	32	1983
Entrevistado 3	62 anos	Masc.	**	3	1975
Entrevistado 4	69 anos	Masc.	29 anos	28	1985
Entrevistado 5	58 anos	Masc.	34 anos	18	1983
Entrevistado 6	44 anos	Masc.	28 anos	15	1993
Entrevistado 7	66 anos	Masc.	45 anos	15	1976
Entrevistado 8	36 anos	Masc.	21 anos	12	1997

(**) ausência de dados nas respostas.

Todas as entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas, tendo como base a análise de conteúdo proposta por Bardin¹⁵. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob o número 20442513.0.0000.0104.

Resultados e Discussões

Prova Rústica Tiradentes

A Prova Rústica Tiradentes foi criada no ano de 1975 pelo 4º Batalhão da Polícia Militar, localizado na cidade de Maringá, e teve como objetivo homenagear o patrono das polícias militares de todo o Brasil, Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes. Nos dois primeiros anos, o evento era realizado num percurso de 4.800 metros. Posteriormente, a prova passou por mudanças de distância, variando entre 6 km, 10 km e 12 km. Atualmente ela é realizada em um percurso oficial de 10 km. A sua realização ocorre sempre nas proximidades do dia 21 de abrilⁱⁱ. Somente a partir do ano de 1990 a Secretaria de Esporte e Lazer de Maringá – PR. (SESP)ⁱⁱⁱ assumiu a coordenação do evento e em 1997 a Prova foi oficializada pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt)¹⁶.

Um dos primeiros pontos analisado é relativo ao exponencial aumento no número de participantes. Tal ponto esteve presente no argumento de todos os entrevistados. A título de exemplo, reproduz-se o seguinte depoimento: “É hoje é diferente cresceu muito a quantidade de pessoas participando (...) tipo 3500, 4000 mil pessoas correndo a Prova”¹⁷.

O crescente número de participantes não é algo restrito à prova paranaense. Trata-se de um fenômeno que vem ocorrendo em todo o Brasil^{1,6,18}, bem como em vários países do mundo^{4,5,19}. Tal aumento proporcionou metamorfoses significativas no universo das corridas de rua, transformando eventos de pequeno porte em competições que passaram a atrair o interesse de multidões⁴.

No caso específico da Prova Rústica Tiradentes, uma das modificações mais notadas pelos depoentes refere-se à sua estrutura. Os entrevistados são unânimes em afirmar que atualmente o evento é de excelente qualidade, posição que fica representada no seguinte depoimento:

Não só a Prova Rústica Tiradentes, mas como todo evento no Brasil tem melhorado as estruturas no geral, de dez anos pra cá a Prova Tiradentes em termo de estrutura é nota dez, porque antigamente era muito mais difícil, a tecnologia era um pouco atrasada e não tinha a estrutura que tem hoje²⁰.

Alguns relatos chegam a aproximar o novo modelo organizacional da corrida a uma festa, devido à megaestrutura que se encontra no dia da prova: “(...) *Ah hoje é um reality show né? Hoje virou festa né? Hoje qualquer corrida que tem é um festival muito bonito (...)*”²¹. Percepções como essa surgem pelo grande aprimoramento que ocorreu no mercado de corridas de rua nos últimos anos, pois as provas em todo território nacional, conforme apontam os estudos de Oliveira² e Salgado e Chacon-Mickail⁶, passaram a sofrer grandes mudanças no quesito estrutural. Por exemplo, 6 (seis) dos 8 (oito) entrevistados mencionam à estrutura mais simples encontrada no início de sua participação na Tiradentes. Posição que fica nítida no seguinte trecho: “(...) No início a estrutura era simples, era apenas um palanque simples, pra subir no pódio eram tambores, onde colocavam números 1 até o 5, até o 5º colocado”²².

Em geral, as mudanças que ocorreram dizem respeito a barracas, palanques e sistemas de sonorização. Porém, no quesito estrutura, o que chamou mais à atenção para os corredores participantes da pesquisa foi o incremento tecnológico proporcionado pela implementação do sistema de cronometragem eletrônica por meio de *chips*. Tal ponto também foi apontado na tese de Dallari¹, que versou sobre a corrida de rua como um fenômeno sociocultural. Percepções como esta podem ser representadas pela seguinte fala de um dos depoentes:

Hoje nós temos chiptimming, roupas diferenciadas, roupas mais modernas, tem o sistema, uma estrutura bem maior, tem palanques, tem enfim, tem barracas armadas no caminho onde as equipes se reúnem pra poder aquecer seus atletas, alimentar seus atletas, hoje a estrutura tá bem melhor²².

Em contrapartida existem opiniões críticas por parte dos participantes da pesquisa em relação a essas transformações. Como exemplo pode-se citar a suposta extinção dos alojamentos para atletas oriundos de outras cidades: “(...) *toda a vida a Tiradentes a estrutura era excelente, inclusive antes tinha o que não tem agora, que era alojamento pros atleta (...)*”²³. Na realidade, a esse respeito, deve-se considerar que o atual regulamento da corrida determina a existência de setenta vagas de alojamento. No entanto, é possível questionar se essa quantidade de vagas é suficiente para atender ao montante de atletas provenientes de outras localidades.

Em relação ao perfil socioeconômico dos participantes da Prova Rústica Tiradentes percebe-se que existe um consenso entre os entrevistados. Os mesmos afirmam que no início das suas primeiras inserções no evento os corredores pertenciam a uma classe econômica mais baixa.

Pessoas mais humildes, ou seja, quem corria era pessoa que não tinha acesso a modalidade mais difíceis, que não poderia comprar material mais sofisticado para entrar em outra modalidade, então ele resolvia correr, bastava simplesmente um calção e um tênis usado, eram pessoas mais simples e humildes²².

Em contrapartida, alguns depoentes afirmam que atualmente existe certa alteração neste perfil, ou seja, ultimamente também participam da prova indivíduos oriundos de segmentos mais providos financeiramente: “(...) Então é um perfil de classe média, classe pessoal com poder aquisitivo melhor, consegue paga, que eu sei esse ano foi uma taxa de 40 reais (...)”²³; “(...) a classe média melhorou consequentemente a elite também e todos eles estão participando, tanto o rico, a classe média, o pobre, só que a predominância hoje é classe média”²². Tais percepções dos entrevistados

corroboram com o estudo feito por Oliveira² na cidade de Porto Alegre, no qual o autor indica que atualmente os perfis econômicos dos participantes são oriundos de estratos sociais com maior poder aquisitivo.

Esses novos corredores acabam trazendo para a Prova Rústica Tiradentes comportamentos distintos daqueles que participavam anteriormente. A introdução deste novo perfil de atletas, na visão dos entrevistados, acabou por transformar radicalmente o cenário das corridas de rua, inclusive interferindo diretamente no modelo de como a prova deve ser organizada. Afinal, o objetivo não é mais somente a competição e sim a participação do maior número possível de indivíduos, pois: “(...) muitos desses que estão correndo hoje começaram a praticar corrida há um ano, dois anos e praticam mais por lazer do que por competição (...)”¹⁷.

A fala do entrevistado mostra que em edições anteriores da prova maringaense a participação era quase que exclusivamente de atletas que buscavam certo nível de *performance*. Já nas edições mais recentes esse perfil se modificou. Assim como preconiza os estudos de Almeida *et al.*²⁴, Balbinotti *et al.*¹¹ e Oliveira², uma parcela significativa dos participantes das atuais corridas de rua no Brasil identifica esses eventos como um meio para outros fins além da competição, como por exemplo, saúde, lazer, integração social, etc. Nesse sentido, é possível afirmar que fatores como facilidades da prática da corrida, o surgimento dos clubes/assessorias, a própria associação midiática das provas à questões como liberdade e independência, entre outros fatores, contribuíram significativamente para essa mudança de perfil.

Essas metamorfoses acabaram por produzir uma nova demanda de mercado que objetiva atender esse novo público frequentador das corridas de rua. Oliveira², ao estudar o contexto da cidade de Porto Alegre, indica que passam a existir dois modelos de corridas de rua: as “convencionais” e as “*fashion*”. As primeiras são as provas com corredores de classes sociais com menor poder aquisitivo, com taxas de inscrição baixas e/ou inexistentes, em que a busca pelo resultado é o que prevalece. Já o segundo tipo de corrida são aquelas com grandes estruturas, com a participação mais elitizada do ponto de vista econômico, corredores com objetivos distintos do puro rendimento e com a cobrança de taxas de inscrição mais elevadas.

Essas mudanças concernentes ao perfil do corredor também chegaram à prova maringaense. Os relatos foram diversos, mas com maior quantidade aparecem afirmações de que o rendimento dos corredores vem diminuindo a cada ano. Dos 8 (oito) corredores que participaram das entrevistas, 7 (sete) afirmam que os resultados dos atletas nas edições passadas, em um contexto geral, eram melhores do que os resultados das últimas edições da Prova, posição que fica representada pelos seguintes trechos: “(...) hoje eu to achando que eles tão correndo pior, por que o tempo tá bem mais alto. (...)”²⁵; “(...) Era muito bom se comparar o rendimento que a gente vê hoje os tempos de hoje e o tempo daquela época é muito diferente (...)”¹⁷.

Outro entrevistado tenta comprovar em sua fala a melhor *performance* dos atletas das edições anteriores:

(...) o rendimento é menos que antes, antes se ia numa corrida tinha 30 atletas no mesmo nível, no mesmo segundo, hoje não, hoje é só uns “gato pingado” né, existe aí numa prova igual a Tiradentes principalmente corre aí 10 atletas mais ou menos que corre pra 30, 29, 30^{iv}, o resto é tudo de 33 pra cima, então ficou muito difícil, o nível caiu muito (...)”²¹.

A fala do depoente está carregada de simbolismo de valorização de uma “época de ouro” das corridas de rua, pois buscam afirmar que as competições de antigamente, apesar de mais simples, valorizavam certa “arte do corredor”. Porém, apesar desse saudosismo estar realmente latente na fala do entrevistado, alguns de seus posicionamentos não são somente um saudosismo de uma época passada. O argumento em relação à queda considerável de *performance* dos participantes é um fenômeno que realmente se materializa na Prova Rústica Tiradentes, conforme exemplificação contida na Tabela 2:

Tabela 2. Concluintes com tempo abaixo de 40 minutos (Sistematizado pelos autores com dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Maringá).

Ano	Número de concluintes	Conclusão abaixo de 40 minutos	% do total de concluintes
2002	820	190	23,170%
2006	1153	161	13,963%
2012	1296	121	9,3364%
2015	1773	99	5,5837%

*Dados referentes a corredores do sexo masculino.

Tais dados mostram que, apesar do número de participantes aumentar significativamente, os resultados não seguem a mesma lógica. Ao refletir sobre os avanços no nível do atletismo mundial, percebe-se que a Prova Rústica Tiradentes realiza um caminho inverso no que se refere ao desempenho esportivo. Entretanto, é preciso ressaltar que, ainda que o desempenho geral seja inferior ao das provas anteriores, o recorde da competição vem sendo melhorado sistematicamente. Esse aprimoramento no tempo de conclusão provém da participação dos atletas africanos, fenômeno que também atinge diversas outras corridas no mundo^{4,26}.

Contudo, a grande maioria dos participantes da prova maringaense, conforme salientaram os entrevistados, possui um desempenho pior se comparado com períodos anteriores. Dados estes que corroboram com o estudo de Dallari, que também apontou para essa diminuição do nível técnico nas corridas de rua no Brasil¹.

Ao confrontar os apontamentos realizados por Oliveira² com os relatos dos corredores entrevistados, percebe-se que a Prova Rústica Tiradentes caminha para esta mudança de perfil, pois anteriormente possuía características de uma “corrida convencional” e atualmente segue nitidamente em um caminho para o modelo “*fashion*” no qual prevalecem as lógicas de mercado. Entretanto, a característica atual do evento permite enquadrá-la como um evento misto, principalmente pela presença do poder público municipal na organização da referida competição.

As ações do poder público

Em relação a ações do poder público, identificou-se que a Prefeitura Municipal de Maringá passou a ter a responsabilidade pela organização da Prova Rústica Tiradentes a partir de 1990. As edições anteriores eram realizadas pelo 4º Batalhão da Polícia Militar do Paraná¹⁶.

Quando indagados sobre a percepção que tinham sobre a participação da prefeitura municipal, ou de algum outro órgão público na organização da prova, as falas dos entrevistados foram muito diversas, mostrando pouco entendimento acerca da corrida de rua como uma política pública de esporte. Todos os corredores entrevistados afirmam que as ações da prefeitura se encontram basicamente referentes ao investimento do poder público na estrutura do evento. Entre os relatos são encontradas falas que elogiam a secretaria de esportes do município pela estrutura fornecida para os corredores, como a reproduzida abaixo:

(...) a verdade tem até que parabenizar a prefeitura sempre tem o pessoal aí que critica não a prefeitura sempre trabalho, os caras muito fortes da secretaria (...) os caras faz um trabalho muito bom, a Tiradentes é uma Prova, sempre foi, toda vida super organizada, super, Prova, tanto é que ela é, ela é reconhecida como uma das melhores do Brasil (...)²³.

O relato acima transcrito acaba por mostrar que existe uma percepção positiva sobre trâmites burocráticos em torno da realização de uma de corrida de rua. O entrevistado demonstra certo conhecimento de que os recursos financeiros são oriundos das verbas de uma secretaria municipal.

Contudo, também visualizam aspectos negativos na relação das corridas de rua com o poder público municipal. Por exemplo, o Entrevistado 5²³, afirma que existem leis que impossibilitam prefeituras de levar atletas para competir em provas: “(...) tinha menos burocracia em relação a leis, então eles patrocinavam, podia por no ônibus leva, não tinha tribunal de conta, hoje tudo é mais difícil, e aquele contexto era mais fácil pras prefeituras (...)”.

Nesse sentido, é possível identificar que esse maior controle estatal interfere diretamente nas ações dos indivíduos envolvidos no universo da corrida de rua, pois suas possibilidades de ação são afetadas consideravelmente pelas regulações impostas pelo poder público. Sendo assim, surgem elementos paradoxais, visto que ao mesmo tempo em que a presença político/burocrática estatal na realização das corridas gera modificações positivas, o mesmo aspecto acaba por produzir elementos que dificultam a realização de eventos deste tipo.

No caso específico da Prova Rústica Tiradentes, parece que intervenções da Prefeitura Municipal de Maringá contribuíram muito mais para a inserção dos novos praticantes do que para a melhoria de condições dos antigos. Fato que demonstra um ganho de espaço dos novatos e uma diminuição do poder de ação dos indivíduos inseridos nas corridas de rua há mais tempo.

No relato de outro entrevistado, tais pontos são problematizados de forma mais contundente. Na opinião deste indivíduo esse ganho de espaço dos novatos no universo das corridas de rua organizadas pelo poder público estaria relacionado a um suposto ganho de prestígio político para os gestores da cidade. O corredor salienta que a corrida de rua ganhou muita visibilidade e com toda a exposição envolvida o evento seria algo que daria um retorno político considerável aos seus organizadores:

Eles estão envolvidos, eles estão bem mais envolvidos, por que isso? Por que eles perceberam que o esporte atrai multidões e isso politicamente é bom, atraem multidões, então eles estão sempre em visibilidade né, ainda mais em época de eleição, só que o esporte hoje e política estão lado a lado (...) ²².

A partir de relatos como esse é possível levantar a hipótese de que as ações da organização da Prova Rústica Tiradentes são tomadas para prestigiar o novo perfil de corredor. Esses, embora sejam a maioria dos participantes, são os indivíduos sem uma ligação mais antiga com as corridas de rua. Como explicita Starepravo ²⁷, uma Política Pública trata-se de uma estratégia do poder estatal que objetiva alcançar determinados resultados. No caso específico da prova maringaense, vê-se que as ações são direcionadas principalmente ao público que atualmente corresponde à maioria dos participantes, sendo também aquele grupo que possui maior *status* social e econômico, dando indícios de que, ao atendê-los, geraria maior ganho político por parte da gestão municipal.

Outro ponto que se transformou significativamente foi aquele relativo às taxas de inscrição. A cobrança é algo recente na Prova Rústica Tiradentes, iniciando-se no ano de 2012, como é possível observar na Tabela 3:

Tabela 3. Valores cobrados pela inscrição (sistematizados pelos autores)

ANO	VALOR
Até 2011	Gratuita
2012	10,00
2013	20,00
2014	40,00

Surgem muitas opiniões contrárias à cobrança. Na visão destes indivíduos, além do valor da inscrição ser elevado, seria responsabilidade da prefeitura municipal ofertar prática esportiva gratuita à comunidade. Para exemplificar tal ponto de vista reproduz-se o seguinte trecho de um dos entrevistados:

(...) começaram a cobrar uma taxa né, que também eu questiono, porque se é um evento organizado por uma prefeitura, acho que eles tem que prioriza a prática esportiva, não alguém ganhar, pegar esse dinheiro acho que a gente nem sabe quem que levou esse dinheiro todo sendo que a Prova tem patrocínio (...) ¹⁷.

Ao contrapor a fala do entrevistado com o § 2º do Artigo 217 da Constituição Federal ²⁸, que aponta que a prática esportiva é um direito social, e por isso um dever do poder público, identifica-se que em relação à prova a Prefeitura Municipal de Maringá não está cumprindo, ao menos, por completo, seu dever. Afinal, a partir do momento

em que se institui qualquer tipo de cobrança, sobretudo em uma atividade que era gratuita, é possível que diversos praticantes, principalmente os de estratos econômicos mais baixos, deixem de participar do evento.

Tal fato permite trabalhar com a hipótese de que um maior número de indivíduos participando da prova maringaense não significa uma democratização da corrida de rua. O argumento se ampara numa suposta elitização ocorrida nesse universo, visto que essa ampliação no número de praticantes significou também, conforme apontaram os estudos de Oliveira² e Gottas⁴, uma maior inserção de indivíduos de classes mais abastadas economicamente no cenário das corridas de rua^v.

Quando questionados acerca do possível impacto no modelo de organização do evento pela cobrança da taxa de inscrição os entrevistados, em sua maioria, afirmam que tais valores são responsáveis pela existência dos chamados “kits” do corredor, que contém camisas, mochilas, isotônicos, etc. Nesse sentido, levanta-se a seguinte indagação: Se essa for efetivamente a destinação das taxas de inscrição não se estaria negando ainda mais o direito de acesso à prática esportiva preconizada pela Constituição Federal? Argumenta-se que as taxas são “destinadas” a objetos não essenciais para a realização de uma corrida, como é o caso dos “kits”, ou seja, não parece ser uma ação legítima por parte do poder público a de excluir indivíduos que não possuem condições financeiras de arcar com os custos de inscrições no evento.

Em relação à cobrança da taxa de inscrição influenciar na participação dos corredores na Prova Rústica Tiradentes, surgem duas percepções distintas entre os entrevistados. A primeira relaciona-se ao fato de que o número de participantes na corrida não cai em decorrência da cobrança da taxa de inscrição. Pelo contrário, ele só aumenta ano a ano, visto que os novos corredores são indivíduos com condições financeiras para tal.

É na verdade não impacta, por que esse público que tá pagando são pessoas que tem dinheiro, são classe média pra cima né, são classe média alta, então pra eles não tem problema, pra eles é como um lazer, é como um passeio no final de semana, no final de tarde, então eles vão lá participar e paga por isso, então não muda nada²¹.

Em contrapartida, existe o segundo tipo de percepção que versa a respeito de uma suposta exclusão dos corredores sem condições econômicas de arcar com os custos de inscrição:

Acredito que muitos não vão participar. Essa minoria humilde do interior, do sitio ainda não vai participar, então afastou essas pessoas, inclusive isso eu acredito que muitos talentos não vão mais aparecer, que antigamente as pessoas humildes, aquele de força bruta não ta mais treinando, ele ta se eximindo, por que participar, um tênis é caro, participa da corrida tem que pagar então ele não tem mais interesse nisso²⁴.

De acordo com Proni¹⁸, percebe-se que o esporte pós-século XX se tornou produto de uma sociedade de massa, aonde ocorre um consumo extremamente excessivo. Com isso, passou a existir uma mercantilização do esporte. No presente estudo, pôde-se visualizar que as cobranças das taxas de inscrições seguem a mesma lógica, pois ao mesmo tempo em que existe um aumento do valor das inscrições, a procura pela participação na prova maringaense cresceu de forma significativa. Nesse sentido, a corrida de rua - que anteriormente era uma atividade gratuita - tornou-se onerosa, mercantilizada e capturada pelas lógicas de uma sociedade pautada no consumo de determinados produtos industriais.

Dessa forma, dentro do universo das corridas de rua as tensões são favoráveis ao novo perfil de corredor, devido principalmente ao seu *status* social. A incorporação desses novos indivíduos na prática da corrida gerou como consequência a mudança no modelo de corrida de rua, uma vez que esse “novo corredor” exige que o produto a ser consumido tenha determinadas características, como por exemplo, a existência de um “kit”, que contenha variados utensílios relacionados ao universo da corrida de rua. Porém, tal procedimento acaba por excluir indivíduos provenientes de grupos sociais com menor poder econômico. Tal ação se torna ainda mais preocupante quando o evento é organizado pelo poder público, que teria como missão constitucional ofertar o esporte para a população.

Conclusões

O presente artigo buscou analisar as percepções dos corredores sobre as principais transformações ocorridas no modelo organizativo da Prova Rústica Tiradentes. Foi constatado que os entrevistados são unânimes em afirmar que houve uma mudança significativa no número de participantes, principalmente no perfil deste novo público. Segundo os relatos, o praticante - que nos anos iniciais da corrida maringaense era, em sua maioria, de indivíduos provindos de classes sociais menos favorecidas financeiramente - modificou-se para aqueles com maior poder aquisitivo.

Os entrevistados afirmaram ainda que essa transição na tipologia dos corredores carregou consigo também uma modificação no perfil geral da Prova Rústica Tiradentes^{29,30}. Se antes a maioria dos indivíduos que se inscreviam na corrida buscava certo nível de *performance*, atualmente os participantes possuem outros objetivos, como qualidade de vida, lazer, saúde, integração social, etc. Tais mudanças de finalidade, por sua vez, geraram transformações no rendimento esportivo do evento, que qualitativamente apresenta-se menor a cada ano.

No entanto, por mais que o rendimento relativo - ou seja, aquele representado pelo conjunto de participantes - tenha diminuído, o absoluto, na figura dos recordes, vêm evoluindo, devido principalmente à presença de atletas africanos que se inscrevem em várias provas brasileiras em busca da premiação²⁶. Sobre esse ponto levanta-se a hipótese de que a presença desses corredores torna-se mais uma das estratégias de mercado, visto que tais esportistas africanos se tornam um grande atrativo para o evento em si, ou seja, são produtos de *marketing* utilizado pela gestão da prova para atrair olhares para seu evento.

Como foi visto, é unânime entre os entrevistados que a organização da prova é bastante satisfatória. Segundo os corredores, sempre houve qualidade, porém foi notada uma melhora nesse sentido quando da inserção de tecnologias, como as mudanças relativas à estrutura fornecida no dia da competição. A não concessão de alojamentos e a ausência de controle de participação de atletas estrangeiros foram pontos negativos apontados pelos depoentes. Outra questão muito comentada se refere às taxas de inscrição. Para esses corredores o início da cobrança pela participação acaba por gerar uma exclusão de atletas que possuem menor poder aquisitivo.

No que se refere à ação do poder público, todos os entrevistados afirmam que o trabalho da secretaria municipal de esporte de Maringá é bom, e de certa forma até elevou a qualidade da estrutura geral da competição. Porém, existem opiniões que acreditam que esse investimento realizado em relação à corrida é tão somente um meio de ganho político por parte dos gestores municipais.

Como visto, a prova maringaense, assim como ocorreu em diversas corridas de rua no Brasil, passou por várias mudanças, das quais pode se destacar as seguintes: a) significativo crescimento no número de corredores inscritos^{1,6}; b) mudanças nas dimensões motivacionais dos corredores^{11,24}; c) início da participação de atletas africanos²⁶.

Acredita-se serem necessários outros estudos que se atentem ao universo das corridas de rua, buscando compreender os vários elementos presentes nesse importante fenômeno sociocultural mundial, que cada vez mais se enraíza em todo o território brasileiro.

Referências

1. Dallari MM. Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; 2009.
2. Oliveira SN. Lazer sério e envelhecimento: loucos por corrida. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2010.
3. Gonçalves GHT. Corrida de rua: um estudo sobre os motivos de adesão e permanência de corredores amadores de Porto Alegre. [Monografia] (Bacharel em Educação Física). Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2011.
4. Gotaas T. Correr: a história de uma das atividades físicas mais praticadas no mundo. São Paulo: Matriz; 2013.

5. Shipway R, Holloway I. Health and the running body: notes from an ethnography. *International Review for the Sociology of Sports*, Norwich. 2016; 51(1): 78-96.
6. Salgado JVV, Chacon-Mikahil MPT. Corrida de rua: análise do crescimento do número de Provas e de praticantes. *Revista Conexões*, Campinas. 2006; 4(1): 100-109.
7. Cooper KH. *Aptidão Física em qualquer idade*. Rio de Janeiro: Fórum Editora; 1970.
8. Cooper KH. *Capacidade Aeróbica*. Rio de Janeiro: Fórum Editora; 1972.
9. Frizzo G. A criação da maratona de Porto Alegre. *EFDeportes.com*, Revista Digital, Buenos Aires. 2006; 11(100): 2006.
10. Augusti M, Aguiar CM. Corrida de rua e sociabilidade. *EFDeportes.com*, Revista Digital, Buenos Aires. 2011; 16(159): 2011.
11. Balbinotti MAA, *et al.* Perfis motivacionais de corredores de rua com diferentes tempos de prática. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis. 2015; 37(1): 65-73.
12. Bastos FC, Pedro MAD, Palhares JM. Corrida de rua: Análise da produção científica em universidades paulistas. *Revista Mineira de Educação Física*, Viçosa. 2009; 17(2): 76-86.
13. Gil AC. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas; 2008.
14. Jovchelovitch S, Bauer MW. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 90-113.
15. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 1977.
16. Maringá-PR. Luis Henrique de Sá Perles. Secretaria de Esportes e Lazer. PROVA TIRADENTES. Maringá, 2014. 2 p.
17. Entrevistado 8. Entrevista concedida em 28/05/2014.
18. Proni MW. Proposições para o estudo do esporte contemporâneo. *Revista da ALESDE*, Curitiba: 2011; 1(1): 166-182.
19. Maureira F. Motivos para participar en competiciones de resistencia en corredores urbanos de Chile. *Cuadernos de Psicología del Deporte*. 2014; 14(2): 145-150.
20. Entrevistado 6. Entrevista concedida em 26/05/2014.
21. Entrevistado 1. Entrevista concedida em 17/04/2014.
22. Entrevistado 2. Entrevista concedida em 17/04/2014.
23. Entrevistado 5. Entrevista concedida em 26/05/2014.
24. Almeida ST, *et al.* A estratégia da seleção no esporte competitivo: um estudo descritivo-exploratório com atletas corredores com mais de 45 anos. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. 2013; 18(1).
25. Entrevistado 4. Entrevista concedida em 13/05/2014.
26. Ribeiro C, *et al.* Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo. 2013; 27(3): 401-410.
27. Starepravo F. A. Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico. [Tese de Doutorado]. Curitiba: Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná; 2011.
28. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988.
29. Entrevistado 3. Entrevista concedida em 13/05/2014.
30. Entrevistado 7. Entrevista concedida em 27/05/2014.

ⁱ Maringá é um município brasileiro, de médio-grande porte, localizado no noroeste do estado do Paraná. Trata-se da terceira maior do estado e a sétima mais populosa da região sul do Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Maringá possui uma população de 391.698 habitantes e sua Região Metropolitana conta com 679.324 habitantes.

ⁱⁱ O dia 21 de abril é feriado nacional, onde se homenageia Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”.

ⁱⁱⁱ A SESP é o órgão público responsável por desenvolver e programar as políticas públicas de esporte e lazer no município de Maringá –PR, dentre essas políticas encontra a “Prova Rústica Tiradentes”¹¹.

^{iv} O entrevistado refere-se ao tempo que um atleta leva para concluir uma prova de 10 km.

^v Este tema merece ser explorado de forma mais detalhada em estudos futuros.